

Crepúsculo

Vazio (NOVAS REDONDILHAS
E VERSOS CRIoulos)

Antonio Carlos Machado



Antonio Carlos Machado

Antônio Carlos Machado

Crepúsculo Vazio

Novas Redondilhas e Versos Crioulos



Passo Fundo
2012

Antônio Carlos Machado

Crepúsculo Vazio

Novas Redondilhas e Versos Crioulos

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2012

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: zanette@zanette.com.br

Disponível no formato eletrônico /e-BOOK.

Do Livro Poesia, -Passo Fundo: P. Berthier, 1984. 112p.; 21cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-Compartilhual 3,0 Nao Adaptada.](#)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em: 11/05/2012

M149c Machado, Antônio Carlos

Crepúsculo vazio [recurso eletrônico] / Antônio Carlos Machado. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2012.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-64997-46-2

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Poesia. I. Título.

CDU: 869.0(81)-1

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	7
(NOVAS REDONDILHAS E VERSOS CRIoulos).....	9
CREPÚSCULO VAZIO.....	11
ESBOÇOS TRAÇADOS EM LINHAS ESQUIVAS.....	12
DESAFOGO CONFRANGIDO.....	15
TRAUTEIO EM RITOMO FURTIVO.....	16
INCÓGNITA TOTAL.....	18
INQUIETAÇÃO.....	19
IMAGEM IMPLACÁVEL.....	20
ASTILHAS SEM VALOR.....	22
PERMANÊNCIA NO TEMPO IMARCESCÍVEL.....	24
RESPLENDOR EFETIVO.....	26
ACORDES EM FLUXO CONSTANTE.....	28
NO FREMIR DA ÂNSIA IRRADIANTE.....	31
MOMENTO AUGUSTO.....	32
ANSEIO PRIMORDIAL.....	33
CHISPA NA CINZA.....	34
TONADILHAS EM VIBRAÇÕES CONDENSADAS.....	35
PELA ANTICLINAL ABRUPTA.....	38
PULCRA SONATINA.....	39
ACRE INSUFICIÊNCIA.....	41
REALIDADE INTRANSFORMADA.....	43
PEGADAS DO MEU BORDÃO.....	44
PALAVRAS ÍNTIMAS.....	48
EUFORIA EMERGINDO DO VÉRTICE.....	49
INTERREGNO ALUMBRADO.....	50
MONOFONIA CINÉREA.....	51
CICLO TRANSFIGURADO.....	53
SOFREGUIDÃO EM CATADUPAS.....	54
CONSUMAÇÃO DIFUSA.....	56
SIGNO COMPACTO.....	57

CERTEZA PENOSA.....	58
NO ARFAR DA MARCHA DILUIDA.....	59
PÁSSARO CATIVO.....	60
NO RECESSO DA POLPA ARRANCADA.....	61
TÚMIDA DOLÊNCIA.....	62
FRÊMITO CONTUNDENTE.....	64
FATALIDADE AGRESSIVA.....	65
EFUSÃO INSOFRENÁVEL.....	66
CHAMA CONCÊNTRICA.....	68
DENSA CRISPAÇÃO.....	69
GRITO SEM FIM.....	70
RETORNO AO GAZEL.....	72
HAICAIS.....	73
VILANCETE.....	74
VOO CONTRA O VENTO.....	75
MURMÚRIO REINCIDENTE.....	76
PENTASSÍLABOS AO FLUIR DOS DIAS.....	77
SENDA DE PERCALÇOS.....	78
REVERBERAÇÃO COMPULSIVA.....	81
CERTEZA DESFRALDADA.....	83
CANTO EM LEVES VOLUTAS.....	84
INEXTINTO VETÍGIO.....	86
SEXTILHAS DE GALPÃO.....	88
CHINOCA, CHINOCA!.....	90
QUERÊNCIA.....	92
CHASQUE AO CHIRU AMIGO.....	93
CARRETA.....	95
O VELHO CARRETEIRO ASSIM CANTAVA.....	98
PINGUANCHA-MENINA.....	100
CHINA FLOR-FLOR.....	102
À BEIRA DO FOGO.....	104
SOB A QUINCHA DO RANCHO.....	106
VILA FLORES.....	107
PASSADO E PRESENTE.....	109
TROPEADA DE RIMAS.....	112
RÚSTICO MANOLHO.....	117
COLÔNIA.....	120
CAMPO DE QUATORZE QUADRAS.....	122

CREPÚSCULO VAZIO

(NOVAS REDONDILHAS E VERSOS CRIoulos)

A Propósito de “Safrá Amarga” e “Pântano Florido” de ANTONIO CARLOS MACHADO.

Helando Marques de Souza

O inclito Advogado, Jornalista e Escritor, nascido em Santiago/RGS vem “matar” as saudades do Rio de Janeiro, onde esteve exercendo variadas atividades na imprensa, e nos deixa presente em forma de poesia, ora plantada num “Pântano” que se nos desabrocha em flores, ora fluindo de uma “Safrá” carregada de dor. Todavia, aqui, consola o “amigo”, e ainda o conforta pelo sofrimento que o próprio autor carrega: “Tão pesada carga / E o triste que sou! – esse, o primeiro “passo” que Antonio Carlos Machado nos deixa, afirmando adiante ser o que lhe restou.

Porém, percebemos que não é à toa que morremos e renascemos na poesia de Antonio Carlos, expressiva amostra do brilho alcançado pela arte do poetar, onde VIVEMOS a “Estiagem”, onde juntos choramos a “Litania Outonal” que se prolonga nas “Noites Mansas” (“O Choro de bandolim/Nunca chorava sozinho...”). Assim, parece-nos que mais uma vez é corretiva, perscruta o mistério humano, numa desesperada reflexão existencial, em “Sinais dos Tempos”: “Puros oxigênios / Já são raros no ar / Que divinos gênios / Nos podem salvar?”... E eis a reforma íntima, o equilíbrio, enfim a harmonia que tanto sentimos ao longo da poética de Antonio Carlos Machado, já quase pontuando com todo amor contido nos versos e no entreverso, onde uma espécie de luz cósmica faz do homem um iluminado: “Contemplo a luz de Belém / E se hinos ergo ao céu / Dos anjos ouço o amém...” (“Sonetinho Místico”) – esse, o fruto do auto-artisanato no livro SAFRA AMARGA.

Dessa forma, em todo contexto, tanto musicalizado! Só poderia surgir de um “pântano” a moldura das flores (findando com todo o pântano?). Na verdade, como disse Kafka, “a missão do poeta é profetizar”, e nos *sente* Antonio Carlos Machado na poesia “Pântano Florido”: “De arestas coberto/ O solo tem fome/ De seiva e resinas!/ Aqui no deserto/ A relva já some/ Não colho boninas/ Os sóis dardejantes/ Têm

setas ferinas!/ Afagos não sinto/ E amenas campinas/ Distantes pressinto!”.

E verdadeiro soprar de emoções vão nos levando, página por página... “*Instantes Inextinguível*”, “*Evidência Envolvente*”, todas as poesias enfim encerrando ora uma reflexão ora uma clarificação, onde empatizados com o poeta, nos deleitamos com a realidade profunda que parece devir de uma estrela dentro de seu coração, a claridade de sua vida e de seu sonho... Do amplo coração sempre aberto, da urna de bondade e ternura de que brota fonte tanto radiosa!

Isso explica os enfoques verbais que desenham o Sul em tantas outras obras de Antonio Carlos Machado. E por quê? Pelo lado místico/amorável daquela estrela com que foi marcado desde seus primeiros passos literários. Assim, fala à terra natal com sentimento puro, profundo e forte- predestinação dos bons filhos!... Sempre no tom/dom harmônico e celeste de ternura. E a poesia ganha sua pompa maior, com a doçura da vida, resultando de uma alma rara, compassiva e translúcida, da alma serena que brilha poesia porque se volta para o Alto.

Por fim, o zeloso poeta Antonio Carlos Machado, sob vivência, debulha poesia pelo baque emocional, salpicando amor e o “Idioma do Sentir” em muitos dos seus poemas.

Felizes, pois, aqueles que trazem, queremos dizer, VIVEM com aquela estrela tranquila no coração!...Por certo há de se compreender a Voz Divina do dito Idioma, tão bem explicado/implícito... Incrustado mesmo! Na poética de Antonio Carlos Machado, com os arpejos que se ouvem/sentem no reino colorido onde jamais se achega o mal.

Letras Fluminenses,
Niterói, Nov./Dez. de 1983.

CREPÚSCULO VAZIO

Venci burlas e maldades
Com revoltas em tropel,
Fustigando potestades
Só com armas de papel!

Vivi todas as idades,
Lutador e menestrel,
Mas humilde, sem vaidades,
Das baladas ao gazel!

Hoje de sonhos despido,
A lira trago descrente
No frágil peito ferido!

E nesse abandono frio
Sou frescor evanescente
Num crepúsculo vazio...



ESBOÇOS TRAÇADOS EM LINHAS ESQUIVAS

I

Esqueço por ora
A bomba de urânio!
Recende lá fora
O pé de gerânio!

Os vales admiro
Tão verdes, tão calmos!
Mas hoje prefiro
O Livro dos Salmos!

Entre tantas flores
Qual a mais famosa?
Que festa de cores
Nas cores da rosa!

Esqueço conflitos
E guerras infames,
Florescem bonitos
Os roxos riclames!

Esqueço tristezas
E todas insônias!
Que raras belezas
Contém as peônias!

Não tenho pecúnia
Nem risos serenos,
Mas cresce a petúnia
Nos parques amenos!



II

Boca purpurina,
Olhar complacente,
Cantas em surdina
No campo florente!

Olvido verrimas
A falta de paz
Ao ver balsaminas
E fiéis resedás!

No longe verdor
Lindas portulacas
Espalham odor
Nas sombras opacas!

Claro horizonte
Em tom de berilo!
Eu rezo na fonte,
Angústias repilo!

Em remotas raias
O lamento cessa...
Agora não saias,
És toda promessa!

Há flores nas sebes
De lindos contornos
Ficas só e não bebes
Em cálices mornos
O sol benfazejo...
Em tudo o revicho
Que logo desejo
Em verso castiço...



III

Vejo a bunganvília
No jardim fechado!
Sou todo vigília
Assim desolado...

IV

O vento que silva
Na noite terrível
Faz a madressilva
- Já planta sensível –
Cair destroçada,
Em plena procela,
A lira calada
Levando com ela...



DESAFOGO CONFRANGIDO

Com que nervoso vibrar,
Antegozando folguedos,
Meninos viam chegar
O reinado dos brinquedos!

Alegria da petizada
O cavalinho de madeira
Com bela sela pintada
Em galope de carreira!

Eu rodava sem parar
Feliz, a soltar suspiros,
Vivendo sonhos sem-par!

Mais tarde só desenganos
Às vezes em loucos giros
No carrossel dos meus anos...



TRAUTEIO EM RITOMO FURTIVO

Tem o horizonte
A cor do cobalto
No topo do monte
Lá longe bem alto!

Eu sinto no peito
Total placidez!
Ao verso perfeito
Só rogo mercês!

Mas ficas calada
Com ar inibido...
Estás perturbada,
Do choro transido
Não sabes fugir...

Não queres sentir
A paz irrestrita,
Não queres sorri
Na noite bonita?

Se queres captar
Profundos ensalmos
Vem logo cantar
No verde dos almos!

A noite cintila
Num êxtase só!
Caminha tranquila
Sem medo do pó!

A nênia que chora
Distante no cardo
De certo já mora
Na lira do bardo!



Pâmpanos em flor
Balsamos exsudam!
Teus olhos com dor
Cansados não mudam...

INCÓGNITA TOTAL

Ao bom passante cortês
Eu pergunto: que procuras?
Poder? Amores? Talvez
O segredo das alturas?

O caminho replica:
Em rouco tom pesaroso:
- A vida ninguém explica,
Sou um andarilho sem pouso!

Logo o peregrino sigo
Sem mais palavras dizer,
Humilde, quase mendigo...

Quem és? – indago bem sério
Todavia o estranho ser
Sorri com ar de mistério...



INQUIETAÇÃO

Existem em cada ser
Turvas fontes de pecado,
Os atos de bem-fazer
Vão ficando no passado!

Pungente sina do homem
Pelos caminhos do mundo,
Onde os Ideais já somem
Ou se perdem num segundo!

A mim, em constante lida,
Restam como lenitivo
Estas cantigas sinceras!

E, assim alma deprimida,
Não sei se morro ou se vivo
No suplício das esperas!



IMAGEM IMPLACÁVEL

O sol no Levante,
Não posso dormir,
Da mágoa constante
Tentando fugir!

Sorrir não consigo,
Pois cedo partiste,
Deixando comigo
Espadas em riste!

Com choros apenas
No mundo prossigo,
Deixaste só apenas,
Ao pé do jazigo!

Que hora fatal
Na noite silente,
Pagaste que mal
Ó ser inocente?

Em vão devaneio
Minado de agruras!
As sombras odeio
Nas noites escuras!

Ó ser inocente
- Pureza total –
Deixaste somente
Saudade mortal...

Bem cedo o destino
Levou-te num véu,
Aos dobres do sino
Subindo pro céu...



Agora não sinto
O luto primeiro,
Mas outro, distinto,
Em turvo roteiro!

Sem nome talvez
A dor que revelo
Depondo buquês
Com gesto singelo
Na lousa cingida
De pretos sinais,
Mas urna da vida
Que lembro demais...



ASTILHAS SEM VALOR

I

Solto dos grilhões
- Antigas heranças –
Escuto canções
Num mar de bonanças!

No canto liberto,
Que gravo ridente,
Do tédio desperto
Com fé consistente!

E vejo semblantes
Com ar de ventura,
Que dores cortantes
Enfim transfigura!

Frágil como vime,
Andrajos eu visto!
Que coisa sublime
A reza com Cristo!

Mensagens espero
Em doces enlaces!
Agora não quero
Penumbras nas faces!

Olhares esquivos
Nenhum, por favor!
Sonhos redivivos
Somente de amor!

Das rochas não desço
Ao sol estival
- Dádiva sem preço
No céu vespéral!

II

Esperanças planto
Em duro mourejo,
Mas que desencanto
Na safra que vejo!

Cabelos em tranças,
Ardências no olhar...
Perdidas andanças
Não quero lembrar!

Brutal penedio!
Pedregal adusto!
Sou ser fugidio
Sem canto robusto!

No tronco silvestre
O ninho canoro!
Quintana! Que mestre
No verso sonoro...

Nas cinzas da mata
Surge a arrotéia,
Que não desabarata



PERMANÊNCIA NO TEMPO IMARCESCÍVEL

Nas calmas lagoas
Da faixa costeira
Ondulam canoas
Na faina pesqueira,
Seguindo costumes
À velha maneira...

Refulgem cardumes
Na rede certa,
Se curva nos cumes
A mata lindeira!

No forte bochorno
O denso moital
De glauco contorno...
Murmura o caudal
Dos prados adorno!
No vasto dunal
O vento já morno
Tem gosto de sal...

As ondas do mar
Têm cantos até!
Vamos esperar
Os sons da maré...

Nas rochas esbarra
O verde sargaço!
Rechina a cigarra
No quente mormaço!

As ondas do mar
Têm cantos até!
Vamos esperar
Os sons da maré...



Nas águas da barra
O lento compasso...
Escuto a fanfarra
Das aves no espaço!

As ondas do mar
Têm cantos até!
Vamos esperar
Os sons da maré...

RESPLENDOR EFETIVO

Na tarde bem mansa
O sol já retorna!
A praia descansa
Em doce madorna...

Com pele morena,
Chapéu cor de linho,
Esgalga, pequena,
Tu vens de mansinho!

Na brisa perfumes,
No céu cantilenas!
A vida resumes
Nas dunas serenas!

Nas dunas avanço
Contigo a cantar,
As ondas alcanço
Já dentro do mar!

As vagas nos molhes,
No rastro das quilhas,
As aves não olhes
Tao longe das ilhas!

Palavras prefiro
Se terna me falas
No belo retiro
Vestido de galas!

Que falas? Que dizes?
Mil coisas que fazes!
Se somos felizes
Façamos das frases,
Com tons orquestrais,
Não frases apenas

Mas mundos reais
Isentos de penas
E choros secretos!

Em nossos afetos
Que seja a palavra
Os quentes sinais
Do fogo que lava
Em chamas iguais...



ACORDES EM FLUXO CONSTANTE

Voz afligidora
Não cantes assim,,
Ah! Voz turbadora
Tao perto de mim!

Louco desacerto
Querer perenal
O lindo concerto
Do branco pombal!

Longe do presente
Visões ilusórias!
Aspiro somente
As consolatórias...

Longe malquerenças
Na hora propícia
De flamas intensas
E rara delicia...

Que sina sem-par!
Se chego, tu vais!
Se vens pra ficar
Não fico jamais!

Teu rosto trigueiro
Foi Deus quem o fez
Com traço brejeiro
E rosas na tez...

Não sejas injusta,
Não fujas daqui!
Na terra combusta
Os pés já fer!



Rosto cismarento,
Instável olhar,
Há vozes no vento
Querendo falar!

Dos portos ausente,
Sem luas ou sóis,
Vislumbro somente
Os cegos faróis!

Quantas armadilhas
A sorte prepara!
Distante das ilhas
A nave não para!

A vaga não ruge
Na doce bonança!
O mar quando estruge
O barco balança...

Se vejo gaivotas
Com asas de dança,
Prossigo nas rotas
Com nova esperança!

Sou tédio total,
Alma sem calor!
Sou voz augural
E som bradador!

Barcos sem arras
Descansam nas dunas!
Teus olhos têm guerras,
Espinhas de tunas...



Eu vivo no mundo
Com seres banidos,
O sol moribundo
Acena aos vencidos!

Findos os fascínios
De velhos desejos,
Ficam nos escrínios
Inúteis sobejos...

Tento no trabalho
A dor olvidar!
As vezes eu falho
E peno ao lembrar!

Da flauta distante
Vêm notas chorasas
Sou choro bradante
Na tumba sem rosas!



NO FREMIR DA ÂNSIA IRRADIANTE

Da vida as nuances
Tem várias feições,
Dos breves romances
Às grandes paixões!

Bondosas mensagens
Queimamos na pira,
Buscando miragens
Em louca mentira!

Queremos às vezes
Falazes amores,
Curtindo revezes
E crus dissabores!

O ser sonhador
No mundo não falta,
Desejando a flor
Da rama mais alta,
A doce cereja
Do longo pomar,
O riso que seja
Além do vulgar,
A linfa mais clara
Do fundo da gruta,
A benção bem rara
Da paz impoluta...



MOMENTO AUGUSTO

Talvez a maior desdita
Seja o desejar insano,
Não reter a fé bendita,
Escudo no desengano!

O mal que meu ser agita
Tem sadismos de tirano,
Faz-me em louca grita
Sentir iras de vesano!

Quando no cismar adverso
Me vejo pensar ao léu
Na reza quedo submerso!

Plena paz então consigo
Ouço sons vindos do Céu
E Deus a falar comigo...



ANSEIO PRIMORDIAL

Versos vocalizo
Servindo também
O mel do sorriso
Nas mesas do Bem!

Quero aconchegar
As mãos do pedinte
Os pobres amar
Sem falso requinte!
Levar ao casebre
Alforjes nutridos,
Com ânsias de febre
Gritar aos vencidos:
“As portas alertas
Da minha cordura
São almas abertas
A quem as procura!”

Ricos alimentos
Eu dou sem usura:
Preces, sentimentos,
O pão da doçura...



CHISPA NA CINZA

Ela vem pela calçada,
O resfolegar opresso,
Trazendo na mão cansada
Os narcisos que lhe peço!

Vendo-lhe o sofrer expresso,
Nos olhos a dor gravada,
Sinto-me também egresso
De velha grei condenada!

Narcisos e quantas flores
Ela no jardim alinha,
Pelos canteiros afora!

Vivendo só, tem amores!
Entre as rosas é rainhas
Na capela que decora...



TONADILHAS EM VIBRAÇÕES CONDENSADAS

I

Espero sofrendo
Noticias de quem
Me diz escrevendo:
- Já volto, meu bem!

Agora certeza
O verso reclamo!
Eu canto a Beleza
Nas belezas que amo!

Cena matutina,
O sol no Levante,
De cor purpurina
E luz chamejante!

Múltiplo cenário
A vida desdobra!
Às vezes sudário
Que dores não dobra,
O mundo contém
Matizes diversos
Que passam além
De todos meus versos!

Amor dedicado
É fundo querer,
Porém desprezado
Faz logo sofrer!

Agora delírio,
Sem tolas mordças,
Eu rezo no círio
Pedindo mil graças...



Se triste medito
As dores retêm
O pensar aflito
Que logo me vem!

Observa, repara!
Sou tédio sem luz
Em pobre seára
Que nada produz!

Grito por socorro
Com brados de louco.
Aos poucos eu morro
Cantando tão pouco!

Às vezes descreio
Da própria ventura
E sofro o receio
Da vida futura!

II

Exalta Rio Grande
As gestas passadas,
Em cantos expande
Antigas cruzadas,
Mas lembra também
No tempo presente
O guasca-ninguém
Dos pagos ausente,
O rancho tombado,
O taura banido,
O pingo – coitado –
Sozinho poerdido,
A fome que cresce
No velho cenário
O peão sem messe
Em triste fadário!

O guasca-ninguém
Do campo proscrito
É filho também
Do pampa bonito!

PELA ANTICLINAL ABRUPTA

Tenho dó dos que padecem
Onde as descrenças só tecem
Silêncios de compunção!

Lamento a dor persistente
Que tantas almas corrói,
Também o ser indigente
Que letal sina destrói!

Bom irmão meu penitente
Que nas mãos das sorte cega
Tens coração langüescente.

Ouve a palavra candente,
Que nos auges da refrega,
Afê nos diz mansamente...



PULCRA SONATINA

No canto sem peias,
Também sem renúncias,
Desfaço cadeias!
As próprias opúncias
Não vejo tão feias!
Das urzes retiro
O caule medonho,
O verso não firo
Não firo meu sonho!

No canto sem peias
Arrosto os desertos!
Embora não creias
Tenho braços abertos
E brindo festivo
Na hora gelada
Da noite fechada!

Aceito reclamos
E posso sorrir!
Dos cardos os ramos
Eu deixo florir...

No canto sem peias,
Sem dor fustigante,
Atpe nas areias
Caminho vibrante,
A buscar apriscos
Nas alvas paragens,
Pássaros ariscos
Nas rocas selvagens!

Que bom esquecer
Batalhas inglórias,
Na mente reter
Só gratas memórias!

Que bom olvidar
A senda clamante,
O mal urticante!

No canto sem peias,
Que doces empenhos!
Anulo correias,
Não temo despenhos...

No canto sem peias
Nenhum triste vinco!
Ouvindo sereias
Com ondas eu brinco!

Aceito reclamos
E posso sorrir!
Dos cardos os ramos
Eu deixo florir!

Nunca me confino
No canto sem peias!
Sou liras e sino
Crenças a mancheias...

No canto sem peias,
Também sem renúncias,
Desfaço cadeias!
As próprias opúncias
Não vejo tão feias!

No canto sem peias
As verdes avencas,
A paz das aldeias
Com flores em pencas!



ACRE INSUFICIÊNCIA

Hora do crepúsculo
Em tons de lilás,
O sol já minúsculo
No céu se desfaz!

Tolo me pergunto
Olhando as alfombras:
“Por que chegas treva?”
Em mim também junto
Punhados de sombras
Que o verso não leva!

Sinto-me sombrio
No acaso bem perto,
Ele – quase frio
Eu – todo deserto!

Pássaro nenhum
Nas ramas perdidas,
Do vento o zumzum
Tem vozes tremidas!

A lira deponho
Em gesto cansado!
E queixas imponho
Ao vento gelado...

Lamento se choro,
O choro descanto!
Chorando demoro,
Coberto de pranto!

E fico sozinho
Em triste delírio!
Do fim me avizinho
Em lento martírio!

Diviso já perto
O lar divinal,
O rumo mais certo
Da paz perenal...



REALIDADE INTRANSFORMADA

Não queiras o grão precoce
Nem as flores imaturas!
Espera a hora da posse
Colhendo safras maduras!

As emoções são momentos
Que podem vir de repente,
Trazendo maus desalentos,
Toda ventura prazente!

Antes o afã benfeitor
Lavrando o terreno bruto
Sem queixumes ou reclamo!

A terra requer labor,
E é só no ciclo do fruto
Que o pomo surge no ramo...



PEGADAS DO MEU BORDÃO

I

Apenas tormento,
Não quero escutar
As queixas do vento,
Os brados do mar!

Belezas não bebo
Na tarde sem jaça
E nada percebo
Na brisa que passa!

Sou canto parado
À luz do sol-pôr!
Sou peito cravado
Nas setas da dor!

Somente recolho
O pão já cortado,
O banal restolho
Na terra deixado...

Preso ao dissabor,
Apenas divago,
Do fel o sabor
Nos lábios eu trago!

O teu riso jovem
Mas pétalas chovem
Na tarde brumosa.

Do Nada resulto
Em cismas imerso,
Pesares de vulto
Eu gravo no verso!

Com rumos fictícios
No barco sem leme,
Eu sofro silícios
Na lira que treme!

O canto absterso
Como consegui-lo?
Eu sofro no verso,
Não guardo sigilo...

Na face descor,
Cardos na vereda,
Mas trazes amor
Nos lábios de seda!

Há gente que diz:
Nas dores sou forte!
Ninguém é feliz
Pensando na morte!

II

Grande desconsolo
E sentir opaco,
As nuvens em rolo
Nos olhos destaco!

E no céu diviso
A noite que vem!
Da paz eu preciso,
Preciso de alguém!

O sol da manhã
Ressurge já turvo!
Na hora maslã
Às dores me curvo!



Âncoras não tenho
Na nave diletta,
Na mente detenho
Os sonhos sem meta!

Meninas na rua
Cantam trololós,
Mas a dor estua
Em meus versos só!

Chegas qual esfinge,
Com aceno fútil!
Guardo na laringe
O clamor inútil...

Qual água rolante
Que vive a rolar
A mágoa constante
Não pode parar...

Qual vento do mar
Nas ondas bulhentas
Em doido penar
Carrego tormentas!

A dor quem subjuga
Na vida fremente
Que a sorte verduga
Conduz inclemente?

III

Ramos outoniços,
De folhas já rotas,
Seus últimos viços



Em forma de gotas
Derramam vencidos!
Em tom lacrimal.
Há cavos sonidos
No triste juncal!

PALAVRAS ÍNTIMAS

Em torno de ti gravito,
Qual satélite sem luz,
Quando a ofegar aflito
Eu sinto pesar a cruz!

Porém se distante ficas
Nenhum afazer sustento
E não trago vozes ricas
Para os cânticos que tento!

Vivemos as conjunturas,
Quer na paz, quer na vertigem,
Entre dores e venturas!

Que o bondoso Deus preserve
Afeição de tal origem
Que a nós, pura, tanto serve!



EUFORIA EMERGINDO DO VÉRTICE

Folhas em ciranda,
O sol se retira!
Odor de lavanda
Teu corpo transpira!

Teus lábios omissos,
Num triste desenho,
Parecem submissos
Às penas que tenho!

Olho com alarme
As murchas circéias!
Meus cantos são carne
Com tristes ideias!

Mas visto a couraça
De crente devoto,
A dor logo passa,
Tristezas derroto!

E com que deleite
Contemplo as glicínias,
Os copos-de-leite,
Com brancas insígnias...



INTERREGNO ALUMBRADO

Tu vens à janela
Ao pé do junquilha
Que o vento flagela
Na noite sem brilho!

Vejo por instantes,
Quais vidros polidos,
Teus olhos vagantes
De cílios compridos!

O bom gergelim
Nos vãos do gradil
Imita o carmim
Que trazes gentil!

Abissal enigma
De faces rosadas
Esquece o estigma
Das queixas passadas,
Dos velhos litígios
Em horas bramosas,
Esquece os vestígios
Das rotas sarçosas...

O tédio poluto
O tempo não traz
Em novo negror!
Alívios desfruto
E libo da paz
O doce licor!

Essências respiro
Enquanto falamos,
Um simples suspiro
E logo calamos...



MONOFONIA CINÉREA

Com que desprazer,
No chão calcinado,
Eu vejo morrer
O lago mirrado!

Estendal infando,
Inútil a rede!
Emigram em bando
As aves com sede!

Danoso transtorno
A terra com gretas,
Ardendo num forno
De chamas concretas!

Da safra perdida
Só restam migalhas!
Que gente sofrida
Em duras batalhas!

A chuva não vem
Do céu pardacento!
Os homens só têm
Canções de lamento!

Terra pulverosa,
Gemente, sem paz,
Já foste viçosa
Em solo feraz!

As turbas imensas
Que fogem errantes
Caminham sem crenças,
Pois são retirantes...

Não se vêm vicejos
No tenaz brasume,
No sol sem igual!
Somem casalejos
- Como de costume –
Na seca letal...

A mente reponho
Em lúgubre pensar
Olhando tristonho
O transe sem-par
O êxodo medonho!

Sou crente professo
Nas aras do céu,
A Deus endereço
Total escarcéu!



CICLO TRANSFIGURADO

O meu mundo decompouho
Em dois hemisférios.
Num as vibrações do Sonho
Contém mágicos mistérios!

Noutro só a Verdade ponho
Com seus rudes vitupérios!
À minha voz, pois, imponho
O furor dos impropérios!

Sigo metas oscilantes,
Entre fragosos abismos,
Que tem aspectos diversos!

E que horas contrastantes
Vivo em cegos paroxismos
Nos meus rivais universos...



SOFREGUIDÃO EM CATADUPAS

I

Desejo tanger
A cítara muda,
Ao Supremo Ser
Suplicar a ajuda
Emergir do Nada,
Contemplar a Luz,
Da alma lacerada
Retirar a cruz...

Andar pelos prados
Na manhã tão jovem
E nos pés cansados
Que lentos se movem
Sentir os relvados,
Olhar as vindimas,
As fartas lavouras,
Colhendo nas rimas
Em braçadas louras
O trigo frondente,
Colher igualmente
O musgo da rocha,
A bráctea virente,
Que já desabrocha
Ao sol refulgente...

Os solos ingratos
De parca verdura
Às vezes têm cactos
De fina pintura!

Desejo colher
Nas relvas agrestes
Do teu bem-querer
As flores celestes!

II

Nas vias infaustas
Tristezas resumo
Nas asas exaustas
Das aves sem rumo...

III

Quero dos meus amigos
O gesto fraterno,
No mar sem perigos
A nau que governo,
A cor da tulipa,
A solar fulgência,
Do vinho da pipa
A terral essência!

Dos ventos eu quero
O sopro prazente,
Dos versos o vero
Amor confidente!
Da flor o perfume
Sutil exalado,
Dos astros o lume
No céu constelado!



CONSUMAÇÃO DIFUSA

Escarlates rutilâncias
Destacam o vôo da garça!
Vai-se a tarde nas distâncias
Onde o róseo sol se esgarça!

A campina tem fragrâncias,
Odores sutis de sarça,
Mas vejo as profundas ânsias
Que teu rosto não disfarça!

Em quadros tristes eu pinto
O ar mórbido que plasmam,
Toda pungência que sinto!

Reconfortos? Como tê-los?
Como deter meus fantasmas
Na ronda dos pesadelos?



SIGNO COMPACTO

Em meu ser não mais borbulha
A flama vivaz e pronta,
Do verso a nutriz fagulha
Que de mim tomava conta

Quem da própria fé se orgulha
Quando a negra dor defronta,
Quando súbito mergulha
Na tristeza que desponta?

Nesta hostil vida curta
Não me valem as lições
De que à dor ninguém se furta!

Eu por cento seria tolo
Se do mundo as aflições
Me servissem de consolo!



CERTEZA PENOSA

Manter integral a crença
No poder de Deus sublime
É sentir na dor intensa
A vibração que redime!

Quando o soluçar oprime
E a lágrima rola imensa,
Somente o rezar suprime
A pena cruel distensa!

Quantas vezes, entretanto,
Fico longe dos altares,
Imolado no meu pranto!

Quantas vezes, já sem crer,
Vivo horas singulares
Na só mágoa de viver...



NO ARFAR DA MARCHA DILUIDA

Começo a vagar
Seguindo pedestres,
Sob o farfalhar
Dos altos ciprestes!

Branças casinholas
- Tudo mornidão!
Ouço cantarolas,
Sinto lassidão...

Algum melodista,
Além das ninfeias,
Canta saudosista
Langues melopeias!

O céu cor de cobre!
Prossegue lirista
Antes que soçobre
O vento ritmista...

No grande palude
Cantam noitibós...
Ó Deus! Canto rude
Os sons dessa voz...

PÁSSARO CATIVO

Teu trino, lira de escol,
Em mil notas se equilibra!
Tens algo de rouxinol
Na ressonância que vibra!

Com hinos de rara fibra,
Vês a festa do arrebol,
Que docemente se libra
No nascer rubro do sol.

És cultor de harmonias
No mais triste cativo,
Confinado como réu!

Melhor, eu sei, cantarias
Das amplitudes mensageiro,
Com asas livres no céu...

NO RECESSO DA POLPA ARRANCADA

Na réles tasca mofina,
Pra vencer loucas crises,
Curtes lancinante sina
Na voragem dos deslises!

Triste cena de rotina:
Bêbados e meretrizes
Em vida já declina
No sol-pôr dos infelizes!

Ficas ali quantas horas,
Copo na mão, pensativo,
A prolongar as demoras!

Quando decepções absorvo
Desconfortos também vivo,
Mas só tristezas eu sorvo...



TÚMIDA DOLÊNCIA

I

No mato vencido,
Ao sol descoberto,
Já quase despido
- Futuro deserto –
Tristezas reprimo
E assim desolado
Revoltas eu rimo
No triste legado!

No lago de limo
- Escassa vertente –
Sem erva parceira
Na linfa silente
A planta não vinga,
Não vinga a semente
Não cantam jaós...

Que pobre racimo
No solo carente,
Na morta clareira
Na cinza dormente!
Que seca batanga
Na terra morrente
Nos rudes cipós...

É tudo letargo
No mundo cenário,
A lira não largo
Chorando o sudário!

Detesto o lapedo
Sem aves, sem flor!
Os lábios não cedo
Ao fruto sem cor!

A força do germe
No charco-terror
Me traz à epiderme
Estranho tremor!

II

Na relva nativa,
Agindo ligeira,
A mão destrutiva
- Letal ceifadeira –
Não deixa que viva
A bela serralha,
Ontem adereço
E hoje mortalha
No chão que conheço!

A mão destrutiva
Letal ceifadeira
Não deixa que viva
Na flora rasteira
A linda açucena,
Dos prados sainete,
Florindo serena
No verde tapete...



FRÊMITO CONTUNDENTE

O encanto da velha praça
Que conservo na retina:
Mosaicos cor de vinhaça,
A verde grama tão fina!

Nítida lembrança traça,
Numa visão que fascina,
Do quadro a perene graça,
A calma quase divina!

Ontem rosas a florir,
Lânguidos sonhos perfeitos
E o mundo por descobrir!

Hoje só brumas nas rotas,
Todos ardores desfeitos
No turbilhão das derrotas!

FATALIDADE AGRESSIVA

O límpido céu calmoso
Tem fulgores de cristal!
Traz o vento bonançoso
O canto do salgueiral!

Escorrendo correntoso,
Em versátil espiral,
O regato penhascoso
Fervilha no pedregal!

Vou só, o bordão por apoio,
Sob o luar perfulgente,
Em meu caminho sem marcos!

Manso deslisa o arroio,
Mas só percebo, dolente,
O vão lamento dos charcos...



EFUSÃO INSOFRENÁVEL

Chego despojado
De todas auroras,
Apenas levado,
À mercê das horas,
Pela voz dos ventos,
Mais ríspidos que antes,
Que vêm das distâncias,
De todos quadrantes,
Num frémito de ânsias...

Me sinto despido,
Aos olhos alheios,
Me sinto perdido
Em feros enleios!
Tu sabes porque,
Tu sabes que luto,
Sou mente que crê,
Os erros refuto!

Discordo do crime
Com grande vigor!
O perdão redime
Nas fontes do amor!

Os túbios enfrento,
Flâmulas desfraldo,
Pois no pensamento,
Que firmo respaldo,
Florescem perenes
A força da vida
E os cantos solenes
Da Fé não vencida
Por crenças estranhas!



Supero montanhas
Para que renasça,
A cada momento,
No meu coração,
A divina graça
De poder cantar
E numa canção
Cantando rezar ...



CHAMA CONCÊNTRICA

Há quem diga num ronrom:
Os outros jamais molesto!
Mas a voz tem dúbio tom,
O falso tom que detesto!

Desamor: imenso **front**,
Nos conflitos manifesto!
Deus! O Sentimento bom
Se mostra num simples gesto!

Se vale o bem mesmo tardo,
Valem as mãos que ofereço
Nas ruas a cada passo!

Nobres amores resguardo,
Pois nos afetos eu cresço
E o próprio mal ultrapasso ...



DENSA CRISPAÇÃO

A vida sempre parece
Um caminho de fragedos
Se todo crer esmorece
Na seqidão dos penedos!

Quantas faces oferece
Do mundo os sutis segredos!
O bem às vezes perece
Na solidão dos degregos!

Sopra o vento lamentoso
Na terra seca, sem messe,
No anoitecer nebuloso!

Folhas secas, céu brumoso,
Até o rosal emurchece
No meu jardim penumbroso!



GRITO SEM FIM

A tarde se esvai
E sombrias reparte
Nos troncos sem fronde,
No vácuo que é meu!
O cortejo vai ...
Pergunto: “Quem parte?”
Voz tênue responde:
“Um anjo morreu!”

Eu grito: “Sou eu!”
No meio do povo.
“Um anjo morreu!”
Escuto de novo ...

“Um anjo morreu!”
Torno a escutar.
O grito sou eu, nem posso chorar!

“Um anjo morreu!”
Que triste final!
Meu grito nasceu
Na noite fatal ...

Com andar infirme,
Sem rumos, a esmo,
Procuro evadir-me
Fugir de mim mesmo,
Mas levo nos ombros
Tristezas mortais,
Apenas escombros
Em longos brejais ...

Não quero mais hinos
Nem choros esconsos!
Repicam os sinos
Em sonos responsos ...

Encharcados lenços
De tanto chorar!
Só brado intensos
Me podem salvar...

RETORNO AO GAZEL

O morto jasmim
No horto silente!
No cavo jardim
O cravo dormente!

Que prantos hostis
De cantos ausentes,
Tem tons de arabis, com sons
padecentes!

Lacrimoso bardo,
Sou cardo pungente!
Quantos bens aguardo
Se vens docemente!

És mudez atroz
Na rudez presente!
Sou dolente voz
Choro novamente!

Vida! Amor fiel
Ou dor inclemente!
Ó vago gazel
No lago tremente...



HAICAIS

De velhas herdades,
Já perdidas além, cultivo saudades!

Que campos festejo
Cavalgando no pampa
Que hoje revejo!

Me chamas de vate!
Sou tropeiro somente
Em triste rebate!

Tristezas tão largas
Eu carrego nos ombros,
Vergado nas cargas!

Espantos não formes,
Mas nas ruas recolho
Espantos enormes!



VILANCETE

Mundo multicolor,
Com dor e aflição,
Espinhos no chão!

Senil, andrajoso,
Balbucios restritos,
Anda vagaroso
Colhendo detritos!
Rosto macilento
E tosco bastão,
Dorme no relento
Com dor e aflição!

Sem casa, sem teto,
Na vida sozinho, seu mundo concreto
Um mundo mesquinho!
Nos passos torpor, cajado na mão!
Mundo multicolor, espinhos no chão...



VOO CONTRA O VENTO

Vária a espécie humana,
Árvore de muitos ramos!
Da vida a vida promana
Nas sendas por onde vamos!

Na real fé soberana
Pobres e ricos achamos!
Seguimos em caravana
Com todos que deparamos!

Quantos percorrem chorando
O caminho do viver,
Que nossas almas conduz!

O bom pensar elevando
Galgo os degraus do saber
Em trajetórias de luz...



MURMÚRIO REINCIDENTE

O meu verso não comporta
Nesta tarde sonolenta
Cultos falsos de retorna,
Tons de lira desatenta!

A noite vem pela porta
Trazendo na cor cinzenta
A hora já quase morta
Que feio matiz ostenta!

Quero de calmas tecida
A doce prece que faço
Nos mais íntimos refolhos!

Quero dor menos sofrida
E descansar meu cansaço
No remanso dos teus olhos...



PENTASSÍLABOS AO FLUIR DOS DIAS

Enchendo volumes,
Do verso seu servo!
Velhos azedumes
Na lira conservo!

Fardos ao pescoço
Eu levo vergado!
Afundo no fosso
De dores pejado!

Trago no semblante
- Pálido marfim!-
Crença vacilante,
Coragens no fim...

O tempo não passa,
Que mudos silvados!
Eu tenho mordança
Nos lábios fechados!

De mimos careço
Em todas veredas!
Revolta pareço
Nas horas azedas!

SENDA DE PERCALÇOS

Senda de percalços
A vida terrena!
A sombra dos salsos
Teu riso condena
As penas que tenho,
A dor que cultivo!

Das dores provenho,
Por elas eu vivo,
Pois sofro com todos
Nas malhas sutis
De velhos engodos
E torpes ardis!

Dizem: “Há justiça!”
Mentira!- replico.
Os pobres na liça
Não ganham do rico!

Dizem: “Há bondade!”
Os bons onde estão?
Os bons de verdade
(Mas quantos serão?)
Lutam insulados
Nos eitos do pão!
São poucos, cansados,
Com pouco na mão!

Dizem: “Há perdão!”
O mundo verbera
O simples senão,
Os erros tolera!

Dizem: “O dinheiro
Venturas não traz!”
Eu sou caminheiro
Em busca de paz...

Os olhos eu cubro
Com ânsias de nojo,
Se sujos descubro
Os vermes do fojo:
Belicistas natos,
Sequazes da morte,
Árbitros dos fatos
Na lei do mais forte!

Conheço na face
O mau Harpagão,
A faminta classe
Dos tempos que vão!
Com sanha rapace
Os grandes vilões
Em torvo repasse
Embolsam milhões!

Em todas as partes
- Os fatos nos mostram-
Os vis malasartes
Submissos se protram
Ao pé dos patrões!

O povo que luta
Não quer mandarins!
Do pão dos festins
As sobras disputa
Em prélio sofrido
Com muito suor, pedindo dorido
Um mundo melhor!

Senda de percalços
Não falta a ninguém,
Pois caminhos falsos
O mundo contém!

REVERBERAÇÃO COMPULSIVA

I

Aumenta o pecado
Cresce o desamor
No mundo devasso
Do mundo propulsor!

Há tantos banidos,
Sozinhos, errantes,
Há tantos fugidos
Em todos quadrantes,
Com fados ferinos,
Sôfregos buscando
Melhores destinos,
Caminhos mais brandos!

Nas metamorfoses
Do cosmo mutante
Pululam neuroses
Na crise gigante...

O mal que perverte
Vem açoitador
Na chaga que verte
O sangue da dor!

Ó mundo falaz,
Escravo da fúria
E ricos haveres,
Não queres a paz,
Apenas luxúria,
Insanos prazeres!



II

No feroz outeiro
A simples ermida!
A crença primeiro
No topo da vida...

Da fé os amanhos
Fecundam canteiros
De pomos tamanhos
Que lotam celeiros!



CERTEZA DESFRALDADA

Eu triste, tu consolada,
Em direções várias vamos!
Todos fardos da jornada
Bem unidos nós levamos!

Nos embates da porfia
Vamos juntos caminhando,
Ou chorando na alegria
Ou na própria dor cantando!

Somos iguais penitentes,
Os lábios sempre com preces,
Até nas ânsias tolhidas!

E assim almas confluentes
Desejamos fartas messes,
Sem chorar safras perdidas...



CANTO EM LEVES VOLUTAS

I

Em ti se revela
Diferente fase!
A tarde modela túnicas de gaze...

Aquarelas magas
Ressurgem no prado!
Com o olhar afagas
O rosal brotado...

Que faço da vida
Que digo no canto?
Na lira sentida
Derramo meu pranto!

Desejas meu verso
Bem mais atrativo,
Da dor o reverso
No hino festivo?

Há flores na terra
Formando dossel?
E risos encerra
O próprio bordel?

Eu canto o que sinto
E sinto o que canto!
Mentir eu não minto,
Sou franco portanto!



II

Eu gosto de ter
Mil beijos na face
Eu gosto de ver
A flor quando nasce,
A terra lavrada
Por rústicas mãos,
A tulha lotada
Na festa dos grãos!
Eu gosto de ver
A farta colheita!
Eu gosto de ler
A rima bem-feita!
Ah! Marcelo Gama,
Poeta da dor,
Ardendo na chama
Do verso-primor!
Eu gosto de ver
A verde campina
E cedo viver
A luz matutina...

Eu gosto de ter
Papoulas nas jarras
E não combater
Com más cimitarras!

Eu gosto de ter
Cândidos enlaces
Também receber
Mil beijos nas faces!

INEXTINTO VETÍGIO

I

Quem triste me chama
Quem chora sozinho?
O vento não clama
Soprando baixinho!

Quem, noite tisonada,
Nas águas do porto,
Com voz conturbada
Suplica conforto?

Quem geme tão só
Na sombra tremente?
Quem ouve sem dó
O pranto fervente?

Que som tumulário
Na leve barqueta,
Já feita calvário
Na noite tão preta!

Com alma nervosa
Procuro sondar
A noite nublosa,
Mais negra no mar!

II

Só, perto do mar,
Distante das naus,
Ando devagar
Em soltos calhaus,
Sem arrimo terno,
Mas o despontar do mundo fraterno

Que Cristo conduz
Já vejo brilhar
Repleto de luz....

III

Que som feridor!
Quem, noite feral,
Faz tal estridor
Em tom sepulcral?

Com alma nervosa
Procuro sondar
A noite nublosa
Mais negra no mar...



SEXTILHAS DE GALPÃO

O pardo velho grisalho
Pelos bolichos vivia,
A gaita na cantoria,
Lembrando velhas histórias,
Algumas cheias de glórias,
Quando a saudade queria!

Que vida dura vivera,
Seguindo penosa sina,
Cantando de relancina
E para ter melhor lucro
Domando potrilho xucro,
O lenço preso na crinal!

Brigara nos entreveros
Dos bravos federalistas
Combatendo os castilhistas,
Nas lutas de vinte e três, com lances de intrepidez
Nas horas mais imprevistas!

Se o pardo velho era bom!
Veterano nas hileiras,
Passava horas inteiras
Cantando pro vizindário
O destemor legendário
Das nossas hostes pampeiras!

Errante, porém, sem rancho,
Sem pouso certo, sozinho,
Topava o fado mesquinho
A vaguear pelos pagos
Que via no seu caminho!

Mas duma feita sumiu,
Buscando rumos ao léu.
Quieto, sem escarcéu,

O pardo velho grisalho
Foi campear agasalho
Nas invernadas do Céu!

Pardo velho já grisalho,
Da viril era centaura,
Que hoje nada restaura,
Aqui na terra gaúcha,
Usando gaita e garrucha,
Deixaste fama de taura!

Levado pelo destino
Irei contigo morar
E juntos, formando par,
Cantaremos num só rito
O grande pampa bonito
Também das guascas sem lar!



CHINOCA, CHINOCA!

No rude bolicho
Do verde campinho
Eu sou carrapicho
Grudado no pinho!

Nas vozes da **prima**
Cantigas rebusco
Atando na rima
As notas que busco!

Eu canto solito
Já meio no prisco,
Tirando do pito
O fumo danisco!

Mas sinto no peito
A dor mal domada
Que hoje sem jeito
Confesso cantada!

O mango no braço, o pingo lá fora
Gambetas não faço
Na trova que chora!

Que baita saudade
Da china lindaça
Que se foi à cidade
Sorrindo com graça!

Mala na garupa
Do zaino cancheiro
Arrancou num upa,
O porte faceiro...

Chinoca, chinoca,
Arvel, insubmissa,
Eu saio da toca
Com alma petiça!

Tu gostas do **povo**,
O **povo** não soltas!
Comigo de novo
Só ficam revoltas...

Pinho companheiro
Lamenta nas cordas
O fado matreiro
Que triste recordas!

Foi cobra mandada
O meu desengano,
Mas esta parada
Eu ganho de mano!

Amanhã ou depois
As pilchas arrumo,
Votamos nós dois
Num tranco sem rumo...



QUERÊNCIA

A vila flores chamada
No doce falar antigo
É terra pra mim sagrada,
Que levo sempre comigo!

Na vastidão dilatada
Tive berço e bom abrigo!
Que bela vida passada
No chão que hoje bendigo!

Evocando sesmarias
Meu coração pede freio,
A suspirar por bonanças...

Rincão natal- nostalgias,
Visões que sempre tropeio
No corredor das lembranças...



CHASQUE AO CHIRU AMIGO

Viveste por toda parte,
Muitas vezes despacito,
Aqui cantando com arte
E lá sofrendo solito!

Andarengo desde cedo
Por corredores diversos,
Gostas de viver al pedo,
Fazendo tranças de versos!

Quantos cenários tu viste
Nesse destino já longo,
Desde a tapera mais triste
Ao mais alegre bailongo!

Do mundo-brutal escola
Recebeste duras aulas,
Pechadas, tirões de cola
E turumbambas com maulas!

Bárbaros invernos passaste
Com o teu poncho surrado,
Al cabo bondoso traste
No rude tempo gelado!

No fogo do galpãozinho,
Quente mate sobre mate,
Cantas nas cordas do pinho
Sem afrouxar no remate!

Certa feita conheceste,
Num fandango da fronteira,
A chinoca que perdeste
Num bolicho de carreira!

Agora vives baldoso,
Com carradas de receio!
Amor é bicho sestoso
Quando refuga volteio...

CARRETA

A carreta peregrina
No terrunho sem miséria
Foi coisa bonita, séria
Na solidão das estradas
Até marcando pousadas
Na dura sina gaudéria!

Em todos rumos do pago
No mesmo lento trabalho
-Cruzos maus ou bom atalho –
Os mansos bois ajouçados
Eram garbos enlaçados nas
cangas do cabeçalho.

Miles coisas conduzia
O carreteiro teatino,
Que chinchava seu destino
Nos cascos da tambeirada,
Partindo de madrugada
Com guaiepeca ladino!

O chiar rude das rodas
Era voz de liturgia
Na luta de cada dia
Quando a tarde descambava
E o carreteiro pensava
Rezando a Ave-Maria!

Com poucos palmos de sol
Acampava pro repouso!
Bem arreglado no pouso,
Espetava a gorda manta,
Simples e modesta janta
Mas de preparo gostoso!

Em seguida o chimarrão,
O crioulo sem igual
Piscando no pastical,
O cusco junto do dono!
Afinal o calmo sono
Após o **pelo-sinal...**

Certas noites não dormia
Pois pelo-duro castiço
E homem de compromisso,
Deixava longe a cachaça,
Tinha horror à negaça
Ao contratar o serviço!

Carreteiro por destino
E caboclo corobicho
Nem china nem cambicho
O tirava do trabalho!
Cortava logo num talho
O chamariz do bolicho!

Dessa maneira lutava, evitando desacertos,
Fazendo brabos consertos!
Nos vaus tapados-desgrácias
Mandava a Deus **Muchas Grácias**
Ao se livrar dos apertos!

Assim os anos passavam
Da dura lonca da lida
Tirando trança comprida,
Fazendo do carreteiro
No vasto mundo campeiro
O grande mestre da Vida!

Carreta-a própria História
Dos pagos e sua gente
No carreteiro valente
Que todos os horizontes

Amansava nos repontes
Do **Vamo Boi** permanente!

Foste soberba na paz
Abrindo largos caminhos
Entre vilas e povinhos,
aproximando cidades,
solta nas imensidades
em perenes burburinhos!

Também andaste na guerra
Entre gaúchos bem guapos,
Vestidos de toscos trapos,
Porém exemplos da raça
Como na luta machada
Dos queixos-duros farrapos!

Ao ver-te hoje carreta
Como perdido legado
E velho traste largado
Eu lembro o tenaz arrojado
Que levavas no teu bojo,
Marco real do passado!



O VELHO CARRETEIRO ASSIM CANTAVA

Na junta que toco
Um baio-fumaça
Por outro não troco!
Em bora sem raça
É boi puxador
E mestre de canga!
Que baita vigor
No passo da sanga!

Também o barroso,
Tem sangue da terra
No vau barrancoso
Nos piques da serra!

Assim carreteiro
Inverno, verão!
Na dor me maneiço
Deixando o rincão!

Eu vou no costado
Em vida cigana,
Levando o bragado,
A longa picanha...

A marcha não paro
Na varge com lama!
Lodeiros encaro
Nos trilhos de grama!

Conheço malocas
E grandes estâncias!
Cruzando bibocas
Eu venço distâncias!

Riquezas carrego,
Sou guasca bem pobre!
A sorte delego
Ao céu que me cobre!

Que nunca desande
Avida que sigo!
Deus- o Patrão Grande
Eu te levo comigo!

PINGUANCHA-MENINA

És já prendinha querida
Suave flor da campina,
Meiga piguancha-menina,
Ouvindo com emoção
Os cantos em profusão
Desta querência sulina!

No culto das tradições
Sabes bem a chimarrita
Com saia larga catita
E nos meneios da dança
O teu corpinho não cansa
Numa vaneira bonita!

És tanta graça e leveza
Na cadência da tirana
Que toda vibra ufana
Mostrando dessa maneira
Ser gaúcha verdadeira
Nascida guapa serrana!

Os belos versos do Sul
Declamas alto, sem peias,
Sentindo correr nas veias
O sangue dos farroupilhas
Que por baixos e coxilhas
Foram heróis nas peleias!

Linda piguancha-menina
O pampa-solo fecundo –
Tebano de bom penacho
E guasca sempre buenacho
Fiz de querência meu mundo!

Por isso quando te vejo
Com o vestido de prenda,
Todo de chitas e renda,
Lembro a milonga faceira
Toda beleza campeira
Que o verde pago desvenda!



CHINA FLOR-FLOR

Charla no galpão,
Mansa, sem apuro!
Roda o porongão
No mate seguro!

Sou bem gaúcho
E gente gaudéria,
Que vive sem luxo,
Também sem miséria!

Esporas na mente,
Visões embuçalo,
Lembro tristemente
O rancho do valo,
A china chorosa,
Regalo flor-flor
Dum mestre da tosa
E bom cantador...

Lembranças repasso!
E num carreirame
Pros lados do passo
- Bagual desparrame –
Recordo a tinsnada,
Com jeito de chancha,
Já meio cambada
Nas tendas da cancha!

O mundo dá coices
Nos laços forceja
E cortantes foices
A sina maneja...

A china bebia
Talvez por sofrer!
Quem ela queria
Não tinha querer!

Filho das macegas
Andava sem rumo
Por todas bodegas
Num só desaplumo!

Mas era baitaca
Na velha sanfona,
No cabo da faca,
Chavasca grandona!

Em plenos troviscos
- Chupista tenaz –
Sem versos ariscos
Na gaita vivz
Cantava bonito
Com voz altaneira,
No manso trotito
Da fala manheira...

O louco destino
Às vezes impera!
No peito franzino,
Já feito tapera
Nas inços que vêm
Com toda fereza,
A china flor-flor
Agora só tem
Baús de tristeza,
Bruacas de dor...



À BEIRA DO FOGO

Nasci lá nas Missões
No campo dos Amaral
E fui guri de quintal
Nas fainas do nativismo!
Que lições de gauchismo
Colhi no solo natal!

O meu primeiro petiço
Um lindo animal escuro,
De galope mui seguro,
No passeio e no serviço
Tinha crioulo feitiço
No garbo de pelo-duro!

Muita chininha mimosa
Feliz levei nos arreios
Vivendo doces enleios
Nos fandangos do rincão,
Sem refugar vanerão
No soar dos bordoneios!

Cresci no lombo de pingos
Preferindo o zaino pelo,
Nas estampas do meu zelo,
Desde o zaino-colorado
Ao belo zaino-bragado
Que arrocinei com desvelo!

Duma trolilha de zainos
Aos latidos do jaguara,
Barbo zaino-malacara
Apartei mesmo potrilho,
Matreiro como zorrilho
Quando fugindo dispara!



Que bicho fera, patricios!
Eu fiz até maravilhas
Ao lhe picar as virilhas
Mas que flete se parou
Quando bem logo ficou
O rei maior das coxilhas...

SOB A QUINCHA DO RANCHO

Filho das imensidões,
Que braços fortes sustém,
Eu sei todas as lições
Que o velho pampa contém!

No peito junto tropilhas
De crioulos sentimentos,
Trazidos lá das coxilhas
Com sogas de muitos tentos!

Também peraus de tristeza
E mil restingas de pranto
Encontro nesta vivência.

Digo porém com pureza:
- Tenho cordeonas no canto,
Cerros de amor à querência!



VILA FLORES

Ancestral cinto de couro,
Legados dos meus avós,
Tenho ternuras na voz
Para contigo falar
E novamente lembrar
Porque te trago no cós!

Foste no passar dos anos
Prenda de taura faceiro,
Bonito traste parceiro
Com velha faca de prata
De longes tempos sem data
Hoje florão galponeiro!

Nas lides de trina-e-cinco
Andaste pelas coxilhas
Nas legiões farroupilhas,
Usado por índio quebra
Mas sem instinto malebra
A cintilar nas guerilhas!

Depois em noventa-e-três
Honrando o nome do pago
- Objeto de viril afago –
Foste leal companheiro
Dum trabuzana lanceiro
Sem nunca sofrer estrago!

Nas lutas de vinte-e-três
Voltaste à cena guerreira
Num crepitar de fogueira,
Levado por índio certo
Do sítio hoje deserto
Na solidão da fronteira!

Agora quando te levo
Como fiel aparato
Xucras imagens desato,
Lembrando tudo que sei!
Quantos torenas de lei
Foram gaúchos de fato!



PASSADO E PRESENTE

A turva manhã do sul
Nasce no campo da luta!
A vida – feroz disputa
Nos embates da fronteira,
Pois nova gente guerreira
Surge sem-par na labuta!

Pelas planícies imensas
Correm manadas selvagens
Das mais cruzadas pelagens,
Tantas que qualquer estranho
Encontra morrudo ganho
Na faina das campeiragens!

São tais manadas bagualas
Dos altivos guaranis!
E quantas bugras gentis
Espalhadas pelos pampas,
Confim de cascos e guampas
Em disparadas hostis!

Nas mesclas desse rodeio
Há convívios e negaças
E os gados xucros são caças,
Dominando o mais forte
Com abarbarado porte
A mestiçagem das raças!

Enfim como fortalezas
Aparecem as fazendas,
Até com bonitas prendas,
Formando o rude peão,
Imagem do próprio chão,
No tumulto das contendadas!

Estância-firme tronqueira
Na terra verde cravada,
Baliza na madrugada
Do pago recém-nascido,
Agora rincão querido,
Plaga jamais igualada!

Grandes porteiras abertas
Nós temos no coração!
A todos damos a mão
Com inspirada ternura
E nossa charla perdura
Nas rodas do chimarrão!

Na lonca das amizades
Cortamos tentos com jeito
Para trançar a preceito
Laços do melhor quilate,
Bebendo o saudável mate
No bom porongo perfeito!

No pingo **Fraternidade**
Botamos ricos preparos
E os sentimentos mais caros
Dedicamos aos irmãos.
Que visitam nossos chãos
De tantos feitos preclaros!

Todo gaúcho conserva
Bem no fundo da memória
Os belos lances da História
Que fizeram destes pampas
Tendal de humildes campas,
Mas palpitantes de glória!

À beira de tais moradas
Cantam as aves campeiras
Lembrando as bravas fileiras

Que brilharam nas coxilhas,
No fogaréu das guerrilhas,
No tremular das bandeiras!

Na jornada dos farrapos
O pavilhão tricolor
- Prova de bagual ardor –
Andou na ponta das lanças
E nas mais feras andanças
Erguido mesmo na dor!

Porém agora drapeja
Aos ventos deste torrão
Como símbolo do chão
- Terra de duros combates –
Que tem nos cantos rebatos,
Clarins que nunca se vão...

TROPEADA DE RIMAS

I

O nosso torrão
Tem sigla que friso:
ERRE de rincão,
ESSE de sorriso!

Rima – bom cabresto
Na doma dos versos,
Nas trovas apresto
De tentos diversos!

Saudades-espora
Nas ancas da vida
Se muito demora
A prenda querida!

Lida de tropeiro
Que duro labor!
Sou verso ponteiro
No campo da dor!

Que tristes umbus!
Que pena sincera!
Só cantam jacus
Na velha tapera!

Eu gosto de ver
A tuna florida
E assim esquecer
As setas da vida!

O pinheiro cresce
De modo tão lento
Que justo parece
Amor sem alento!



A china madrasta
Chamada **Saudade**
Corações arrasta
Por pura maldade!

Na sina capeta
Na sorte perdida
É simples carpeta
O jogo da vida!

Corredor- esteio
Da vida campeira!
Por ele mangueio
A sorte manheira!

Pesares perfilho
Dizendo “Coitado”!
Ao velho rosilho
No campo largado!

Carreiras adoro
Em cancha bem reta!
Mas asas imploro
Pra ver a dileta!

No limpo terreiro
Tristezas anulo
Jogando lampeiro
Sem tiros de culo!

Na tava sou bom
E não songamonga!
Na cancha do som
Prefiro a milonga!

Sou pata ligeira
Sem relhos ou sova
Atando carreira
Na cancha da trova!

A lonca domino
Enquanto converso.
Com calma desquino
O tento do verso!

Os campos parecem
Tapetes de lã,
Que ovelhas tecem
Na branca manhã!

Eu trago no peito
Um potro vermelho
Que bufa sem jeito
À vista do relho!

Que rebelde potro
Sempre redomão!
Não troco por outro
O meu coração!

Tal boi colorado
O sol a lo léu, no peito sangrado,
Já tomba no céu!

O flete fustigo
Na longe biboca!
Que duro castigo
Não ver a chinoca!

Esperas são somas
Contadas por hora!
Que triste embromas
Quando ela demora!



Que louco desejo
Bem velho lapuxa;
Prender num beijo
A terra gaúcha!

No pingo da rima
O mango não baixo,
Lançantes acima,
Repechos abaixo...

E no sufragante
Não digo demais:
Cante como cante
Sou pago no mais....

II

Querência palavra
Que logo traduz
O fogo que lavra
Com halos de luz
No hino campeiro, crioulo sem jaça,
Que hoje, tordilho,
Com sangue de raça
Ufano dedilho,
Em largo rodeio
De pelos diversos
Alcançando no freio o pingo dos versos!



OFERENDA

Tens traço dos tapuias
Que nas tabas altaneiras
Pintavam em rudes cuias
Mil histórias feiticeiras!

E nas noites galponeiras,
Cor morena da imbuias,
Cantas páginas guerreiras
Com sons novos de aleluias!

Nas tuas fundas carquilhas
De velho quebra tenaz
Deponho com mãos fagueiras

A esmeralda das coxilhas,
O ouro bom dos araçás
E o rubi das corticeiras...

RÚSTICO MANOLHO

I

Nas trevas da noite
Cavalgo sem nada
Buscando pernoite
Em mansa pousada!

Cintilam no céu
Apenas dois astros,
A paz não defruto!
Pássaros ao léu
Seguem os meus rastros
Com asas de luto...

A rota que sigo
Não tem vinhateiros
Nem sobras de trigo
Nos poucos celeiros!

Fremências recalco
Nos nervos doloridos!
Agora sou palco
De prantos perdidos!

II

Com rudes lamentos
Tais cenas registro
Que clamam os ventos
Em coro sinistro,
Zurzindo os cansaços
Das raras bobinas
De caules escassos
Nas secas ravinas...



III

Umbu solitário,
Ancestral refúgio,
Meu par solidário
Outrora com ninhos
E cantar agreste,
Hoje sem carinhos
Qual triste cipreste!

Agro solidéu
Do bardo-menino,
Calado, franzino,
Debaixo do céu!

E tu cinamomo
De roda figura
Que dizes agora?
O grito retomo
No choro sem cura,
No verso que chora!

As horas dolentes
No peito já farto,
Os cantos gementes
Com todos reparto,
Às vezes sem jeito...
Aspiro clemência
No sonho desfeito
Em plena querência...

IV

O salso pendido
Tu choras por quem?
O rancho perdido
Do guasca-ninguém



Lamenta também
E chora comigo
Em choro sentido
O total desabrigo
Do pampa ferido...

V

Dos pagos, amigos,
A face já muda!
Costumes antigos
O tempo transmuda
Em tal disparada
Que tudo refaz
Com hostil agouro
Deixando pra trás
Em franco desdouro,
No chão das campinas,
O belo tesouro
Das gestas sulinas...

Eu vejo com mágoa
Os guascas banidos!
Meu pranto desagua
Na foz dos gemidos!

COLÔNIA

Perfumados cachos
De tom quase tinto
Já deixam borrachos
Os ares que sinto!

Ah! **dolce bambina**
Do **nono** carinho,
Tu tens da cantina
O suco do vinho!

Das pipas a raspa
Alegre me deixa!
Empino na graspa
A vida sem queixa.

Das uvas retiro
O caldo gostoso,
Da boca não tiro
O mosto cheiroso!

Parreiras, parreiras
São lucros contados
Nas longas fileiras
Dos galhos pejados...

Eu vejo gentis
Colonas rosadas
E loiros guris
Nas velhas picadas!

Canto tarantelas
Louvando os vinhedos
E como são belas
Nos meus finos dedos
As polpas coradas
Das uvas maduras,

Ao sol sezonadas
Nas castas mais puras!

Eu sei volatinas,
Eu sei sol-e-dós!
Aves montesinas
Não dizem a sós
O bardo tristonho
Em ritmos submerso
Que veio brindar
Na taça do verso
A festa sem-par...

Que doce viver
A mim asseguro
Olhando a videira
Em jorros verter
O néctar escuro
Que quero sorver
Com lábios sedentos
Buscando no Sonho
Felizes alentos
Enquanto deponho
Em gestos de afago
Nas pedras do chão
As flores que trago...



CAMPO DE QUATORZE QUADRAS

A sorte toureio
Por cruzos e vaus!
As rédeas tenteio
Descendo peraus....

Coxilhas atoro
Pra ver a chinita,
Dos chãos onde moro
A flor mais bonita!

Charla galponeira
Fácil se desata
Com cuia, chaleira
Congonho na lata...

Fogo de batinga
É fogo dos bons!
A gaita resinga
Num ronco de tons...

Lidando com tropas
Não canso na lida!
Tilinto nas copas
O freio da vida!

Tenham os viventes
Agrados amenos,
Nas lutas ingentes
Amor a lo menos...

No pescoço ponho
As cangas que fiz!
São cangas de sonho
Com duros canzis...

Querência-o dizer
Que graus sincero
Pois vem de querer
E os pagos venero!

Que chinas lindaças
Formando rodeio!
O bom doze braças
Feliz reboleio....

Partidor- a raia
De sonhos guarida!
A crença garraia
Não vence corrida!

No brete da mente
-A marca nas mãos_
Eu marco somente
Recuerdos bem são!

Remoso destrilho
Se dores mangueio
No verso sem brilho
Que triste ponteio!

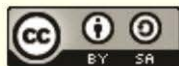
Destino malevo
Cavalgo num upa!
Saudades eu levo
Lotando a garupa!

Querência- canção
Que o vento derrama,
Odor de rincão
No verde da grama!



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre



Projeto
Passo Fundo
Após a cultura